



A VIDA DE  
NELSON MANDELA

A VIDA DE  
**NELSON  
MANDELA**

Elleke Boehmer

**L I S B O A :**  
TINTA-DA-CHINA  
M M X I V

# Índice

© 2014, Edições tinta-da-china, Lda.  
Rua Francisco Ferrer, 6A  
1500-461 Lisboa  
Tels.: 21 726 90 28/9  
info@tintadachina.pt  
www.tintadachina.pt

Título original: *Nelson Mandela:  
a very short introduction*  
© 2008, Elleke Boehmer

Título: *A Vida de Nelson Mandela*  
Autora: Elleke Boehmer  
Tradução: Ana Falcão Bastos  
Revisão: Tinta-da-china  
Composição: Tinta-da-china  
Capa: Tinta-da-china (V. Tavares)

Fotografia da capa: Nelson Mandela fotografado  
por Per-Anders Pettersson, 1999 (Corbis)

1.ª edição: Novembro de 2014  
ISBN 978-989-671-240-2  
Depósito Legal n.º 384029/14

O legado de Mandela .....	II
<i>(Prefácio à edição portuguesa)</i>	
1. Mandela: história e símbolo .....	15
2. Escrevendo o guião de uma vida: os primeiros anos .....	33
3. O crescimento de um ícone nacional: os anos seguintes .....	71
4. Influências e interacções .....	107
5. A sofisticação de Sophiatown .....	139
6. O actor masculino .....	153
7. Espectros na horta da prisão .....	179
8. O legado ético de Mandela .....	203
Cronologia .....	217
Siglas .....	225
Agradecimentos .....	227
Bibliografia .....	231
Índice onomástico .....	241

*Aan mijn familie*

O LEGADO DE MANDELA  
*Prefácio à edição portuguesa*

Este livro foi originalmente publicado em 2008, o ano do nonagésimo aniversário de Nelson Mandela – um momento de celebração e de recordação carinhosa. Infelizmente, Mandela já não se encontra entre nós, e as luzes que incidiam sobre a sua vida desviaram-se novamente. Ao avançarmos rumo ao futuro, com o seu exemplo ainda presente, vem a propósito reflectir sobre a importância do seu legado moral e político para o século XXI, como as últimas secções deste livro pretendem fazer.

Poucos líderes políticos atingiram em vida o estatuto de quase santidade de Nelson Mandela. Talvez Gandhi se aproximasse deste estatuto, mas dificilmente o aclamaríamos «Presidente do Mundo», como aconteceu com Mandela em 2007, na inauguração da sua estátua em Westminster Square, ou o imaginariamos elogiado como o maior libertador do século XX pelo presidente dos EUA, como fez Barack Obama no funeral de Mandela, a 10 de Dezembro de 2013. Porém, como Obama afirmou, Mandela não era um «busto de mármore», «mas um homem de carne e osso», que demonstrou o poder das ideias com muito esforço e determinação, «conquistando o seu lugar na história através da luta, da sagacidade, da persistência e da fé». Foi o trabalho árduo e o sofrimento, a par do seu enorme carisma, que lhe permitiram superar barreiras raciais

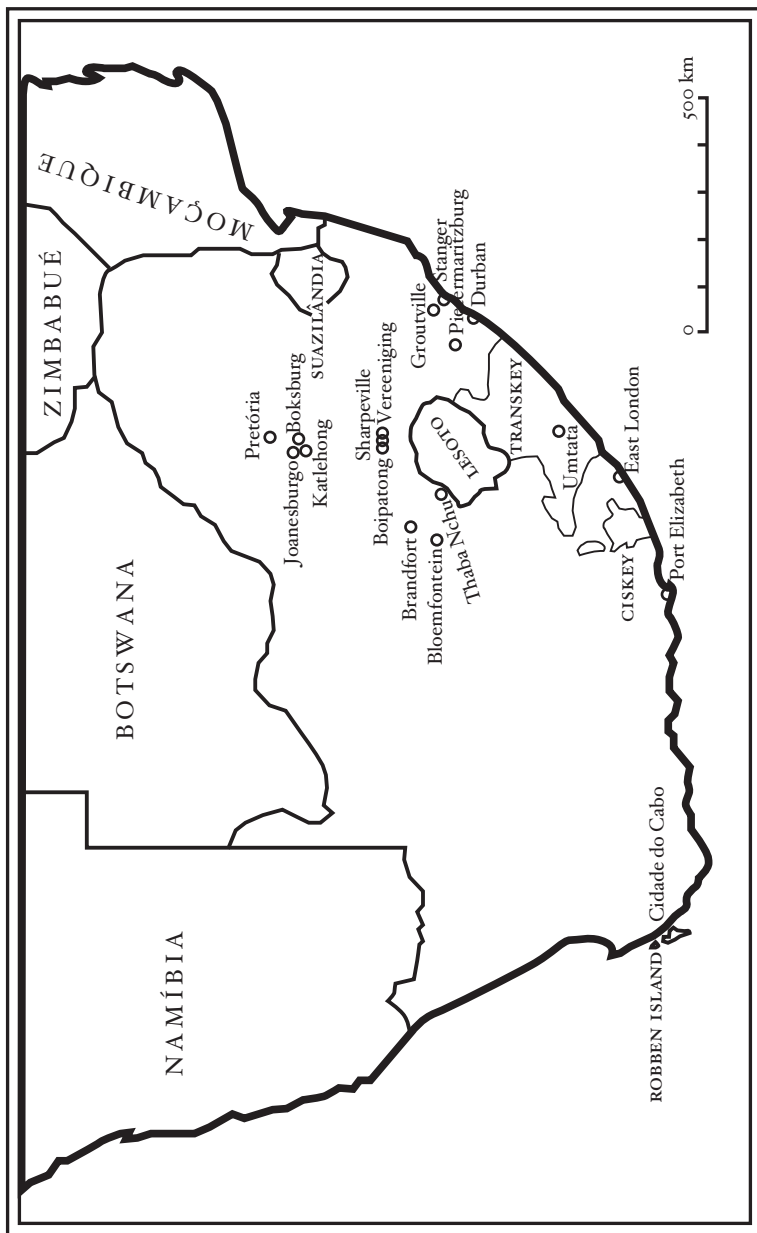
aparentemente intransponíveis na África do Sul, criando elos de reconciliação que muitos consideraram e ainda consideram quase miraculosos.

Quer enquanto jovem político e activista nos anos 50, quer mais tarde, como estadista já idoso e primeiro presidente democrático da África do Sul, Mandela trabalhou infatigavelmente para transformar as suas qualidades inatas de carisma e de autodisciplina numa fonte de inspiração e de esperança para o seu povo e para a formação de uma nação democrática não racial. Muitos dos seus companheiros e camaradas referiram a sua capacidade de liderança e, ao mesmo tempo, de convencer os seguidores de que, na realidade, avançavam como um grupo. Este magnetismo era de tal modo fascinante, que as suas relações mais próximas criaram a expressão *magia Madiba* para o descrever – sendo Madiba o título honorífico do seu clã. É esta característica que ilumina, como uma luz interior, o símbolo Mandela.

Quem se encontra por detrás do símbolo Nelson Mandela? Que vemos quando contemplamos os seus olhos risonhos? Acima de tudo, tendo em conta a sua complexa personalidade, é pela humanidade e cordialidade histórica que Nelson Mandela será recordado. Ele criou reciprocidade onde esta não existia, ao sublinhar que, de um modo geral, amigos e inimigos partilhavam os mesmos objectivos, temores e desejos. Pegou na mão do seu carcereiro e na do seu camarada e uniu-as, afirmando que, afinal, lutavam pelo mesmo pedaço de terra. Abordou outros, não como membros de uma determinada raça ou grupo, mas enquanto seres humanos. Onde anteriormente reinara a divisão e o ódio, ele forjou interacção. Por isso, merece ser recordado não apenas como um símbolo ou busto de már-

more, mas como uma figura cimeira de humanidade comum e de manifesta e imensa coragem. Por ter sido um ser humano extraordinário e por ter realizado sacrifícios sobre-humanos, o espírito de Mandela continuará a viver.

## MAPA DA ÁFRICA DO SUL DURANTE O APARTHEID



## 1. MANDELA: HISTÓRIA E SÍMBOLO

*Rolihlabla*, o nome xossa que lhe deram, significava que ele poderia ser um agitador. *Madiba*, título honorífico do seu clã, associava-o à linhagem aristocrática tembo. E *Nelson*, o seu nome europeu, o mais conhecido, foi-lhe dado pela professora primária e deixou impresso na sua vida o nome de um dos heróis navais do Império Britânico. Entre estes três pontos nodais do seu nome – que denotam, respectivamente, resistência, posição social elevada e heroísmo – a vida de Nelson Rolihlahla Mandela assumiu proporções extraordinárias e míticas. O seu rosto e a sua figura, a sua saudação de punho erguido em marcha para a liberdade contam-se entre os símbolos mais reproduzidos no século xx.

Nelson Mandela – será possível resumir numa frase quem ou o que ele é? Sim, foi um dos presos políticos que mais tempo passaram na prisão; durante o período da sua detenção, foi certamente o mais famoso. Sem sombra de dúvida, é um símbolo universal de justiça social, uma figura exemplar que representa a igualdade racial e a democracia, um gigante moral. Em tempos homem sem rosto (na África do Sul eram proibidas as fotografias de presos políticos), tornou-se uma imagem internacionalmente reconhecida depois da sua libertação, em 1990. Durante mais de quatro décadas, enquanto o seu país era desacreditado por todo o mundo devido ao *apartheid* – política racista sancionada pelo



Estado –, Mandela, simbolicamente e em certa medida na prática, conduziu o movimento de resistência contra essa injustiça.

Mas porque haveria esta história de ser importante para nós, no mundo contemporâneo em geral? O que significam as suas realizações não só a nível nacional, na África do Sul, mas também internacional? Como justificar mais um livro sobre os acontecimentos da sua longa vida? Sem dúvida, Mandela é um herói no seu país, cuja liberdade trabalhou para conquistar. Mas como se tornou ele também um grande nome a nível mundial – figura de destaque na campanha destinada a consciencializar para o VIH/SIDA, embaixador de consciência da Amnistia Internacional em 2006, nome familiar em comédias do Reino Unido (*As Used on the Famous Nelson Mandela*)\*? Por que motivo o seu rosto se sobrepõe a todos os outros (incluindo o de Gandhi) e é escolhido para tornar mais apelativas as capas dos livros de síntese da história contemporânea? Como foi possível, por altura da inauguração da sua estátua em Westminster Square, no Verão de 2007, ele ter sido aclamado «Presidente do Mundo» (por analogia com Diana, a «Princesa do Povo»)?

Se quisermos um exemplo de um homem absolutamente íntegro, esse homem, esse exemplo, é Mandela. Se quisermos um exemplo de um homem inquebrantável, firme, corajoso, heróico, sereno, inteligente e capaz, esse exemplo e esse homem é Mandela. E não comeci a pensar assim depois de o ter conhecido (...) há muitos anos que é esta a minha opinião, e identifico-o como um dos símbolos mais extraordinários da nossa época.

[FIDEL CASTRO, Discurso de 26 de Julho de 1991]

\* Livro do jornalista e comediante britânico Mark Thomas. (N. da t.)

Na cultura da celebridade que marca o novo milénio, centrada no indivíduo enquanto criador do seu destino, é frequente considerar-se que Mandela foi não só o responsável pelo seu destino (como consta do seu poema favorito), mas também o principal arquitecto da nova África do Sul. É incontestável que ele travou uma luta solitária pelos direitos dos negros e que, no seu caso, se justifica plenamente a teoria de que os Grandes Homens fazem a história. E, no entanto, como ele próprio muitas vezes recordou, a luta pela libertação da África do Sul foi efectivamente travada e vencida enquanto ele definhava na prisão. Já no seu julgamento, em 1962, Mandela sublinhava: «Eu fui apenas um elemento de um grande exército.»

Como é evidente, o seu carisma pessoal é manifesto e famoso por si. Todas as pessoas que o conheceram referem o encanto, a *magia Madiba*, que dele irradiava: uma combinação de fama, estatura e aparência atraente, de memória enciclopédica para rostos, com algo indefinível, um *je ne sais quoi* de sedução mandeliano. A romancista Nadine Gordimer, sua admiradora, escreve que um aspecto central da sua personalidade era «uma ausência de egocentrismo, a capacidade de viver para os outros». A sua capacidade como líder e o seu carisma constituíram importantes fontes de inspiração para a construção da África do Sul pós-1994. Porém, também é verdade que, rigorosamente falando, ele não foi o autor dessa nova democracia. É indiscutível que a sua liderança, *por si só*, não basta para explicar a evolução histórica na África do Sul, passando do *apartheid* para a liberdade. O mero brilho interior não justifica as proporções que a sua imagem adquiriu no imaginário mundial.

A verdadeira imagem – a componente real da magia de Madiba – é bastante mais complicada do que sugere a história de uma personalidade excepcional. Por certo que se baseia

numa qualidade de carácter, mas associada a outros factores fundamentais abordados neste livro, nomeadamente o seu talento como actor e a proximidade, ao longo de toda a sua trajectória, de diversos companheiros e amigos de destaque, eles próprios políticos sagazes, em especial Oliver Tambo, Walter Sisulu e Ahmed Kathrada. Há ainda a influência que as suas competências sociais exerceram nos desenvolvimentos políticos do país, sobretudo nos anos 50, e o modo como ele formulou e reformulou a sua postura nacionalista em resposta a esses mesmos desenvolvimentos, também recorrendo cada vez mais a modelos de resistência transnacionais e dirigindo-se a uma audiência internacional. No decurso de todo esse processo, sempre fez referência e recorreu, embora em hábil contraponto, à sua ascendência nobre e à herança de autoridade consensual por ela transmitida, a fim de criar as estruturas de liderança colectiva e democrática da sua organização, o Congresso Nacional Africano.

Mais do que qualquer outra pessoa viva, Nelson Mandela simboliza tudo o que é idealista e inspirador de esperança na vida pública.

[BILL SHIPSEY, fundador da Art for Africa\*, por ocasião da atribuição do prémio Embaixador de Consciência da Amnistia Internacional a Nelson Mandela em 2006]

Por muito trivial que possa parecer esta afirmação sobre um indivíduo memorável, Nelson Mandela é uma daquelas figuras históricas que, na segunda metade da década de 1950 e, mais

\* Fundação que organiza leilões de obras de arte doadas, cujo produto reverte para projectos sociais em África. (N. da t.)

tarde, nos anos 80 e 90, não foram apenas o indivíduo certo para avançar na altura certa. Foi também aquela que o fez não só com firmeza e convicção, mas também com uma argúcia política, uma capacidade de adaptação e um estilo admiráveis. Numa época em que a polarização da luta racial na África do Sul justificava uma viragem acentuada da resistência passiva, até então eficaz, para uma resposta mais militante, ele encabeçou a difícil decisão de pegar em armas e conseguiu persuadir o ANC a apoiar a nova linha de acção. Mas quando, 30 anos mais tarde, considerou que era chegada a altura de ultrapassar as polaridades beligerantes e avançar para negociações, encontrou de novo maneira de impor o seu estatuto moral, de levar por diante essa decisão e de obter o apoio da sua organização. Repetidamente, criou um papel próprio no seio da estrutura e do panorama ideológico do ANC, para em seguida o ultrapassar. Sem nunca duvidar de que tinha a razão do seu lado, ao longo de 27 anos de cativeiro manteve a fé no seu projecto de uma África do Sul sem discriminação. Acabou por conquistar um lugar no futuro do seu país como uma figura que encarnava não só a justiça, mas, acima de tudo, a esperança.

## Nelson Mandela: a história

Este livro é dedicado aos diversos episódios, histórias, símbolos e valores interligados que estão implícitos na utilização do «famoso» nome *Nelson Mandela*. Ao longo da sua vida, Mandela desempenhou um vasto leque de papéis: aluno aplicado, jovem cidadão, guerrilheiro intrépido, o preso político detido durante mais tempo a nível mundial, salvador do milénio, e assim por diante. Revelou-se uma personagem versátil, mesmo pós-moderna, ca-

paz de assumir muitas formas e de exercer um fascínio universal. Os mais variados sectores da população – nacionalistas negros e comunistas brancos, jogadores de *rugby* e romancistas, líderes mundiais e moradores de *townships*\* – sentindo-se representados por ele, reivindicaram-no como seu símbolo.

A fábula *Mandela* representa o percurso e o triunfo individual, mas, *ao mesmo tempo*, narra a história colectiva, polífona, do nascimento de uma nação.

Uma das histórias mais importantes associadas ao nome de Nelson Mandela tem inevitavelmente um pendor nacionalista, a *história de uma nação*. Pelo menos desde tempos tão recuados quanto os meados da sua presidência, por volta de 1997, a narrativa da vida de Mandela foi oficialmente elevada ao estatuto de fábula principal da África do Sul, ao seu mito moderno, como se pode verificar nos manuais escolares do Governo e nas bandas desenhadas infantis. Não é de surpreender que a sua autobiografia, *Um Longo Caminho para a Liberdade* (1994), constitua uma parábola da construção da democracia. Nas suas biografias, o carácter e o pensamento da figura histórica intercalam-se sempre com relatos fiéis dos processos histórico-políticos em que ele esteve envolvido. A um nível mais geral, como que a reforçar estas representações do salvador da nação, as sínteses de história do século xx consagram o itinerário de Mandela como uma das poucas narrativas nacionais eticamente marcantes que emergem de décadas de conflitos devastadores, muitas vezes entre nações rivais.

Qualquer livro sobre a carreira de uma figura com este género de significado nacional – para não dizer de simbolismo he-

róico – apresenta riscos óbvios, entre os quais a tentação de reproduzir as versões dominantes do santo secular e do arquitecto da democracia, num contexto de surpreendente escassez de interpretações alternativas. Os estudos biográficos de cariz mais académico (da autoria de Benson, Meer, Sampson, Meredith e Lodge, entre outros) tendem a abordar Mandela do seu próprio ponto de vista, apresentando-o, por exemplo, como o líder determinado da ala mais militante do ANC, ou como o piloto disciplinado do destino do seu país. Escrevendo em diferentes momentos históricos, os biógrafos divergem nas interpretações do seu papel político, embora não refutando o seu simbolismo nacional. Para todos eles, sem excepção, Mandela personifica uma África do Sul pós-*apartheid*. Além disso, para alguns, ele é um modelo, uma história com uma moral nacionalista, uma narrativa pedagógica imbuída de verdade política.

Para Benson (1986), que escreve no momento em que Mandela já estava detido há um quarto de século, ele é um democrata liberal por excelência e membro responsável de um partido, uma figura tranquilizadora para públicos ocidentais cépticos (e sensivelmente menos radical do que aparece numa colectânea de artigos de 1965 organizada pela comunista Ruth First). Para Meer, em 1988, antes da hora incerta da sua libertação, ele é o aristocrata consumado, que traduz lealdades familiares e étnicas numa sólida rede de filiação nacionalista. Para Sampson, autor da biografia mais fidedigna até à data, em 1999, no final da sua presidência, Mandela é um exemplo fulgurante de liderança unificadora, simultaneamente ocidental e africano, «o presidente do povo». Para o historiador político Lodge, num retrato menos entusiasta, embora elogioso, Mandela adapta a sua autoridade carismática a fim de proteger as frágeis estruturas da política democrática da África do Sul.

\* Na África do Sul, este termo designa áreas urbanas na periferia das cidades, que durante o *apartheid* estavam reservadas às populações não brancas. (N. da t.)

Como é evidente, apesar destas diferentes avaliações da sua política, cada biógrafo toma a decisão de contribuir com um traço dominante da personalidade de Mandela, dando ênfase à forma como o trabalho de um líder em prol da nação molda o seu próprio futuro, e vice-versa. Essa ênfase também se reflecte nas numerosas biografias e autobiografias de dirigentes africanos publicadas desde 1950 – de Nkrumah, Azikiwe e Kaunda, entre outros – para assinalar o momento da independência do seu país, grupo no qual, obviamente, Mandela também se insere. Uma característica da maioria destas narrativas biográficas é a amplificação da trajectória ascendente da vida por meio de um processo de extensão metafórica, por intermédio do qual a história é projectada através dos padrões exemplares da peregrinação e da metamorfose. Ao longo período em que o biografado vive retirado do mundo, na prisão ou no exílio, por exemplo, sucede-se muitas vezes, na biografia, uma mudança ou uma transformação miraculosa, que pretende ser edificante para os leitores.

Por excessiva que possa ser a sua definição como símbolo da África do Sul democrática, este livro não pode esquivar-se a contar a história nacional icónica simbolizada pelo nome de Nelson Mandela. Na verdade, a sua obra é provavelmente incompreensível fora do contexto histórico da luta pela liberdade na África do Sul, que ele coreografou de várias maneiras. «A história de Mandela é central para uma compreensão do desfecho da luta pela libertação», escreve a historiadora cultural Annie Coombes. Por outras palavras, o presente estudo aborda a história nacional de Mandela numa perspectiva convencional, ou seja, cronologicamente, ao longo de dois capítulos de enquadramento, seguindo uma narrativa que adopta, quase inevitavelmente, a subestrutura metafórica da longa

caminhada e da lenta ascensão. Embora retomando determinados caminhos conhecidos, reforçados por uma linha cronológica de que constam datas e acontecimentos importantes, evita-se venerar Mandela como figura exemplar. As sugestões laterais de leituras alternativas e algumas digressões transversais quebram a progressão linear da narrativa biográfica, antecipando os cinco capítulos temáticos subsequentes.

Tendo presente o trabalho que Mandela desenvolveu ao longo de todo o percurso como hábil criador da sua própria imagem ou a forma como redigiu o guião da sua vida, estes últimos capítulos oferecem um relato interpretativo, *legível*, dos episódios essenciais da sua biografia e dos aspectos fundamentais da sua abordagem e da obra que realizou. Embora frequentemente marginalizados nos estudos biográficos, estes aspectos são provavelmente tão importantes para a consolidação da estatura moral e internacional de Mandela quanto o seu projecto de nação. Essas outras abordagens de Mandela centram-se, *inter alia*, na sua receptividade cosmopolita às influências políticas transnacionais, nas suas aptidões multifacetadas enquanto actor urbano, embora projectando uma masculinidade intransigente, nos seus projectos «dialógicos» de uma horta na prisão e na sua fama internacional como o «ícone [humanista] que ultrapassou as fronteiras do seu país» (frase do jornalista Shaun Johnson). Deste modo, a segunda metade do livro apresentará uma análise mais interiorizada e especulativa de Mandela do que em geral oferecem as biografias centradas na figura pública grandiosa.

A abordagem baseada numa série de leituras temáticas (embora ainda com uma base cronológica) é inspirada no antropólogo James Clifford, segundo o qual uma vida individual constitui «uma narrativa de ocasiões trans-individuais», um

ponto de intersecção entre diferentes inspirações, motivações, tradições, relações e papéis. A ênfase recairá na forma como as histórias individuais se desenvolvem em relações mútuas, em ligação com lutas e contralutas noutros locais. É certo que, inicialmente, a perspectiva reticulada, lateral ou sincrónica pode parecer contra-intuitiva, dada a aparente coerência da figura messiânica de Mandela na comunicação social e em representações oficiais. Porém, reflectindo melhor, é evidente que a vida de Mandela sempre foi uma encruzilhada extraordinária, um movimentado ponto de encontro de diferentes ideologias e influências (numa época anterior às 24 horas diárias de acesso aos média que os políticos hoje em dia consideram normais). Mas também é certo que, enquanto actor consumado, Mandela sempre optou por actuar em vários registos diferentes, exibindo diversas personalidades, quer em simultâneo, quer em sequência.

Embora, até 1990, Mandela levasse uma vida relativamente limitada à nação, ou, em boa verdade, à ilha, desde o momento da sua chegada a Joanesburgo, ainda rapaz, nos anos 40, o seu projecto político e a sua teoria da resistência formaram-se sistematicamente em debates com companheiros e rivais. Não sendo de natureza contemplativa, foram essas redes que começaram por fazer dele um activista político influente e, mais tarde, com o longo período de reclusão, um negociador ponderado. Além disso, na mesma medida em que a sua vida não se limitou a um trilho único e nacionalista, também a sua carreira não se desenrolou em fases distintas. Houve preocupações, interesses e respostas que percorreram toda a sua vida ou que voltaram atrás, indo ligar-se com fases anteriores. A personagem sofisticada de Sophiatown dos anos 50 reapareceu na figura do estadista garboso dos anos 90. O aluno da escola missio-

nária reencarnou no disciplinado escritor de cartas de Robben Island. Longe de se limitar a um caminho unidireccional rumo à liberdade, a história da sua vida cristaliza em aglomerados de encontros, práticas, possibilidades e programas de acção.

Em resumo, mais do que admirar Mandela enquanto tal, o presente livro considera os *processos de construção de significado* (incluindo o dele próprio) que levaram a que as suas realizações fossem admiradas. Em função das suas diferentes leituras, este livro reconhecerá que, em certos aspectos, é inesperado uma figura como Mandela ter recebido o género de adulação com que o cumularam. É difícil pensar numa figura internacional mais proeminente que tivesse estado tanto tempo longe dos olhares públicos e cujos principais discursos fossem tantas vezes estereotipados e retoricamente cautelosos.

## Ler Madiba

A fim de comparar a importância da sua história nacional unidireccional com a das suas várias outras preocupações, é conveniente colocar a questão específica de saber que leituras de Mandela se apresentam como alternativas ao mito nacional. Quais são as outras abordagens interpretativas que ilustram as preocupações dominantes da sua vida? Como podemos sintetizar as «tomadas de posição» do primeiro presidente democrático sul-africano que captam os seus diferentes domínios de envolvimento e de sedução?

Para começar, paralelamente à leitura simples de Mandela como a nova África do Sul, na qual ele é a principal figura de um drama nacional, há uma *história global* que o apresenta como protagonista. Com início nos anos 60, quando as suas intervenções

em tribunal chamaram pela primeira vez a atenção do mundo, e de novo em 1988, com a transmissão televisiva da celebração do seu septuagésimo aniversário em Wembley, Mandela tornou-se, aos olhos dos outros, o modelo de um ícone mundial. Nos média, foi construído, e até produzido, como um símbolo proeminente, no seio de uma luta contra a exploração, não limitada à África do Sul. Tem-se afirmado que o nome de Mandela só é superado pelo da Coca-Cola em fama mundial. Ainda que isto só em parte seja verdade, a sua imagem parece sem dúvida ecoar valores importantes para uma comunidade global em tempos interligada pela oposição ao *apartheid* – valores que incluíam coragem, perseverança e justiça. Num mundo em que as certezas da Guerra Fria se desmoronaram e as causas que definiram o período pré-1989 – comunismo/anticomunismo – foram postas em causa, Mandela representa para muitos a constância, a visão, o novo humanismo e a esperança na mudança. Nesta medida, diz Gordimer, ele «pertence ao mundo». Diversos capítulos irão focar as dimensões globais da herança ético-política de Mandela.

Nos nossos dias, Nelson Mandela é o homem famoso. Um dos poucos que ao contrário daqueles que tornaram o nosso século xx tristemente célebre com o fascismo, o racismo e a guerra, a deixarão marcada como uma época que realizou um avanço para a humanidade. Por isso o seu nome subsistirá na história, o contexto no qual ele pertence ao mundo.

NADINE GORDIMER, *Living in Hope and History* (1990)

A história de Mandela tem uma importância decisiva e essencial como história de uma *demandada da modernidade* africana. Neste contexto, o termo modernidade não deve ser entendido

como equivalente de colonialismo, mas como implicando uma reivindicação de identidade, de ser um sujeito da história, que se expressa através de um processo de transposição para África dos vocabulários da identidade moderna. O impacto do colonialismo nesta narrativa reflecte-se na medida em que a subjectividade africana era reiteradamente excluída dos relatos oficiais do progresso histórico europeu: no discurso colonial, África tendia a significar vazio, coração das trevas, ou simples matéria bruta, objectos, escravos.

Pelo contrário, qualquer estudo sobre Mandela traça uma narrativa longa de décadas de formação de uma liderança política na África do Sul e refere o modo como, numa situação de extrema discriminação racial, os indivíduos e comunidades africanos se dispuseram a reivindicar a autodeterminação, a cidadania e os direitos democráticos. Desde a altura em que, vindo do campo, chegou à cidade de Joanesburgo para procurar trabalho, o jovem Mandela integrou-se como figura central numa elite instruída que insistia no direito de ali se inserir (por contraposição a manter-se confinado ao interior rural) e de usufruir dos espaços públicos. Como sugerem os Capítulos 5 e 6 sobre Mandela enquanto habitante e actor da cidade, ele atreveu-se a criar uma identidade moderna maleável, adoptando e adaptando os recursos culturais e políticos heterogêneos da cidade. Tal como para os seus homólogos literários – os escritores e jornalistas de Sophiatown –, o trabalho jurídico, os artigos de jornal e os discursos assumiram como missão traduzir a modernidade em termos locais, a fim de forjar as condições para a emergência de uma cidadania negra sul-africana.

Com efeito, a história de Mandela anda de par com a complicada e inventiva adaptação da vida moderna à descolonização de África. A introdução irregular da modernidade europeia, quer

nas comunidades rurais quer nas *townships* de Joanesburgo, encorajou a elite negra a utilizar de forma criativa diferentes papéis sociais e diversas línguas, a fim de, ao mesmo tempo, pôr em causa os estereótipos coloniais e se afirmar como agente dentro da sua comunidade. Como se tornará claro, na África do Sul, tal como noutros locais outrora colonizados, um indivíduo apresentar-se como moderno implicava um contínuo vaivém entre diferentes quadros de referência cultural, uma interacção de interpretações discrepantes, embora temporariamente coincidentes, do seu lugar na história, como descreve Dipesh Chakrabarty.

A narrativa da busca da modernidade por parte de Mandela é um forte instrumento para justificar o carácter multifacetado da sua vida e o modo como ele conseguia assumir diferentes posições, aparentemente contraditórias. Por vezes, Mandela articulava um conceito reconvertido de tradição política tembo com as convenções da moderna democracia ocidental; noutras ocasiões, contrapunha as energias agressivas e violentas da modernidade urbana aos estereótipos primitivistas favorecidos sob o *apartheid*. Na realidade, a história da demanda de Mandela encerra uma ironia moderna particular. No caso dele, o africano, longe de ser uma adição tardia à história da criação do eu moderno, é agora considerado por muitos, ainda que de uma maneira excessivamente compensatória, como ocupando o ponto alto de uma luta global, intrinsecamente moderna, pela autodeterminação e pelos direitos humanos.

Encarar Mandela como o coreógrafo de uma modernidade africana adaptativa e abrangente vai associar-se a uma leitura relacionada, que encara muitos aspectos das suas realizações políticas, primeiro enquanto militante e depois enquanto negociador, como definitivamente *pós-coloniais*. Mandela sempre se empenhou em devolver aos negros sul-africanos as suas histórias

de resistência soterradas, a superar legados coloniais de poder assenhoreando-se das línguas e das leis desse mesmo poder, a fim de pôr em prática essa superação: ambos estes empreendimentos são essencialmente pós-coloniais. Embora, em primeiro lugar e acima de tudo, ele seja um político e não um intelectual, a sua obra (o activismo político, os escritos e os discursos críticos considerados no seu conjunto) oferece-nos um discurso intensamente *prático* de resistência anticolonial: ou seja, uma *teoria na prática* anticolonial ou pós-colonial. O seu objectivo foi demonstrar como uma situação opressiva pode ser suportada através de um processo de repetir e suplantar estrategicamente os discursos autojustificativos por parte do opressor, de racionalidade ou de pertença, consoante o caso. Como se verá nos Capítulos 7 e 8, durante toda a sua vida Mandela criou conceitos humanistas tardios de resistência e de reconciliação, sempre intensamente dialógicos e políticos. A sua obra contra o *apartheid* representou um anticolonialismo em evolução contínua.

A sua libertação projectou uma voz patriarcal incontestada, enraizada no mais intenso conflito físico entre negros e brancos neste planeta, a fronteira final da supremacia branca no continente africano, em todas as redes de transmissão do Atlântico negro.

PAUL GILROY, *L'Atlantique Noir* (1993)

Em anos recentes, as críticas pós-coloniais começaram a reconhecer os modos como o pensamento pós-colonial encontra o seu estímulo e estrutura na prática anticolonial. Críticos como Benita Parry e Robert Young chamaram a atenção para o facto de ideias pós-coloniais importantes serem criadas a partir do cerne da luta política. O presente livro alarga o território

A VIDA DE  
**NELSON  
MANDELA**

foi composto em caracteres  
Hoefler Text e Avant Garde Gothic,  
e impresso pela Rainho & Neves, Artes Gráficas,  
sobre papel Coral Book de 80g, em Novembro de 2014.



